

ALVARO DE CAMPOS, o poeta da modernidade

ALVARO DE CAMPOS

Nasceu em Távira, a 15 de outubro de 1890. Fez o liceu em Lisboa e o curso de Engenharia Naval em Glasgow. Em Lisboa, dedica-se à escrita e parte depois para Inglaterra, onde vive e trabalha durante alguns anos, voltando de vez em quando a Portugal, e acabando por se fixar definitivamente em Lisboa. Era alto, elegante, de cabelo preto e liso, com risca ao lado. Usava monóculo.

O POETA DA MODERNIDADE
 Pessoa publicou a **futurista** «Ode Triunfal» e a **moderna** «Ode Marítima» na revista *Orpheu*, revelando toda a sua **modernidade**, reafirmada em 1917, com o «Ultimatum», no *Portugal Futurista*, revista apreendida pela polícia. Os seus versos livres, eufóricos ou depressivos, são o exemplo do **vanguardismo modernista**, que espelha um sentir cosmopolita, urbano, extrovertido, muitas vezes insuportavelmente mergulhado no tédio do quotidiano e no anonimato da cidade.

IMAGINÁRIO ÉPICO
 Campos é o heterónimo mais complexo e multifacetado. O seu verdadeiro **génio vanguardista e modernista** é revelado na «Ode Triunfal», na «Ode Marítima» e em outros grandes poemas de **exaltação da vida moderna**, constituída como verdadeira **matéria épica**. Mas esta epopeia tem um sentido novo, é a epopeia futurista da força, da velocidade, das máquinas, do entusiasmo urbano.

E a voz do poeta apresenta um **arrebatemento do canto**, febril e nervoso, uma voz alta, que grita a exaltação da vida moderna cheia de promessas.

LINGUAGEM, ESTILO E ESTRUTURA

- ✓ Verso livre, longo, por vezes articulado com o verso curto.
- ✓ Estilo arrebatado, torrencial, dinâmico, por vezes épico (nos poemas futuristas).
- ✓ Uso de repetições, anáforas, onomatopéias, exclamações, interjeições, metáforas inesperadas, antíteses e paradoxos.
- ✓ Poetização do prosaico, do comum e quotidiano.

SUJEITO, CONSCIÊNCIA E TEMPO

Campos reconhece Caetano como Mestre, pois foi ele que o introduziu no universo do **sensacionismo**. Mas, enquanto Caetano acolhe tranquilamente as sensações, Campos experimenta-as febrilmente, excessivamente, num sensacionismo exacerbado. Quer «sentir tudo, de todas as maneiras» e parece esgotar-se a seguir, caindo numa apatia melancólica e abúlica, ou num devaneio nostálgico, **autocentrado**, que orienta a **reflexão existencial** no sentido da aguda **consciência de si mesmo** e da **passagem do tempo**. Tudo isto expresso numa poesia melancólica, disfórica, intimista.

NOSTALGIA DA INFÂNCIA

O autocentramento, a solidão e a consciência da passagem do tempo aproximam Alvaro de Campos de Pessoa ortónimo, com quem partilha a dor de pensar, a procura do sentido para além da realidade, o sonho, a **nostalgia da infância** perdida.

RICARDO REIS, o poeta «clássico»

- ✓ Reis foi educado no gosto pelo classicismo e a sua poesia baseia-se na «imitação» do poeta latino Horácio.
- ✓ É uma poesia **neoclássica**, com alusões mitológicas, e influenciada pelo epicurismo e o estoicismo gregos.
- ✓ Uma poesia moralista, sentenciosa, contida, sem espontaneidade.
- ✓ Cultiva sobretudo a **ode**, utiliza uma linguagem culta, com **latinismos** e **neologismos**; usa a **anástrofe**.

RICARDO REIS

Segundo Pessoa, Ricardo Reis foi o primeiro heterónimo a ser esboçado. Nasceu no Porto, a 19 de setembro de 1887. Educado num colégio de jesuítas onde recebeu educação clássica, formou-se em Medicina. Era monárquico e, por isso, em 1919, exilou-se no Brasil, devido à derrota da rebelião monárquica do Porto contra a República, instaurada havia nove anos. Era moreno, mais baixo e mais forte do que Caetano.

A CONSCIÊNCIA E A ENCENAÇÃO DA MORTALIDADE

Ricardo Reis é muito diferente dos outros poetas-Pessoa. À grande questão do sentido da existência, ele responde como se fosse um homem de outro tempo e de um outro mundo, um grego antigo, pagão crente no Destino.

✓ Tem **consciência da mortalidade**, que é parte da condição humana, pois na vida tudo passa, e sobre cada momento vivido pesa a sombra da caminhada do Tempo.

✓ Para enfrentar o medo da morte, faz uma autêntica **encenação da mortalidade**: defende que é preciso viver cada instante, sem pensar no futuro, numa perspectiva **epicurista** de saudação do *carpe diem*. Mas essa vivência do prazer do momento deve ser feita de forma disciplinada, digna, encarando com grandeza e resignação o Destino de precariedade, numa perspectiva que tem raízes no estoicismo.

✓ É um conformista que pensa que não vale a pena nenhum desejo, pois o homem não pode escolher e tudo está determinado por uma ordem superior. A verdade, se existe, pertence aos deuses e, se nada se pode antecipar, só nos resta aceitar o Destino.

✓ O medo do sofrimento paralisa-o, conduzindo-o a uma filosofia de vida vazia, que é conduzida com calculismo, alheia ao que possa perturbar. Mas como tudo o que é humano é intenso e perturbante, Reis isola-se, numa gaiola protetora de qualquer envolvimento social, moral ou mesmo sentimental.